



Boi Fantasma, Parintins Encarnada: espectros da cidade e da memória em um curta-metragem sobre o boi-bumbá

Phanton Ox, Parintins Incarnated: spectra of the city and memory in a short film about the boi-bumbá

SOARES, Eduardo Oliveira¹

¹Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.
e-soares@hotmail.com
ORCID ID: 0000-0003-2655-8080

Recebido em 18/01/2020 Aceito em 06/02/2020

Resumo

Em Parintins, cidade localizada no Amazonas, o mês junho é marcado por um festival folclórico que envolve os bois-bumbás Caprichoso (de cor azul) e Garantido (de cor vermelha) criados no início do Século XX. No ano de 2012 o Ponto de Cultura Instituto Memorial de Parintins ofereceu uma oficina de desenho e animação digital com o objetivo de criar um artefato audiovisual a partir de entrevistas com moradores da região sobre os pioneiros formatos da festa. A iniciativa possibilitou a elaboração do curta-metragem *Boi Fantasma*. A obra, que apresenta o modo de brincar de boi por volta de meados do Século XX, é calcada em depoimentos, antigas toadas e projeções animadas – realizadas em formato digital – nas superfícies da Parintins da atualidade. Para melhor perceber a cidade atual é preciso conjugar o que se vislumbra no tempo presente com as memórias individuais e coletivas sobre ela. Cada ambiente construído ou natural é impregnado das vivências das pessoas que fazem uso desses espaços. Este artigo apresenta aspectos dos folguedos do boi-bumbá – a partir do curta *Boi Fantasma* e de vivências do autor deste artigo – relacionando-os com a cidade e a memória.

Palavras-Chave: Boi-bumbá; curta-metragem; festival folclórico; memória; Parintins; patrimônio.

Abstract

In Parintins, a city located on the state of Amazonas, the month of June is marked by a folkloric festival in which take part the bois-bumbás Caprichoso (which uses blue color) and Garantido (which uses red color). In 2012 the Point of Culture Parintins Memorial Institute offered a workshop on drawing and digital animation whose aim was to create an audiovisual product using interviews with city's residents about the festival's early days. This initiative let to the short film Boi Fantasma (Phantom Ox). The film, which presents how the festivities happened at mid-20th Century, uses testimonies, old songs, and animated drawings – done on digital format – projected on the city's nowadays buildings. In order to better understand the present city one needs to sums up what one glimpses on the present and individual and collective memories about it. Each built or natural environment is saturated with the experiences of persons that utilize such spaces. The article presents aspects of boi-bumbá merriments – taking into account the Phantom Ox and the author's own experiences – linking them to the city and memory.

Key-Words: Parintins ox dance; short film; folkloric festival; memory; heritage.



1. Introdução

O índio chorou, o branco chorou
Todo mundo está chorando
A Amazônia está queimando
Ai, ai, que dor
Ai, ai, que horror
O meu pé de sapopema
Minha infância virou lenha
Ai, ai, que dor
Ai, ai, que horror (...)
Eu vou convidar a minha tribo
Pra brincar no Garantido
Para o mundo declarar
Nada de queimada ou derrubada
A vida agora é respeitada
Todo mundo vai cantar
Vamos brincar de boi, tá Garantido
Matar a mata, não é permitido
(LAMENTO DA RAÇA, 1996)

A Amazônia abriga riquezas naturais e uma sociedade pautada por esse bioma peculiar. Os debates sobre o seu uso e preservação têm dimensões nacionais e internacionais. O *Complexo de Conservação da Amazônia Central* integra, desde o ano 2000, a Lista de Patrimônio Mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, UNESCO, e é considerado “uma das regiões mais ricas do planeta em termos de biodiversidade” (UNESCO, s.d.).

Se nacionalmente as ações oscilam entre a busca de preservação, o descaso e o ataque, localmente grande parte da sociedade tem consciência da importância da região para todo o planeta. A expressão desse desejo local de integração entre a sociedade e a natureza se dá de várias formas. Um exemplo é o Festival Folclórico de Parintins que celebra a cultura local, invoca a ancestralidade indígena e marca posição de defesa da natureza em músicas como *Lamento da Raça*, do Boi-Bumbá Garantido, em epígrafe.

Em Parintins, cidade localizada na ilha de Tubinambarana, todo final do mês junho é marcado pelo Festival Folclórico, que envolve os bumbás Garantido (de cor vermelha) e Caprichoso (de cor azul), criados no início do Século XX. A manifestação é um tipo de folguedo popular centrado na figura de um boi que – por meio de danças, músicas, narrativas dramáticas e elementos cênicos – tem sua morte e ressuscitação representadas. O *Complexo Cultural do Boi-Bumbá do Médio Amazonas e Parintins*, no ano de 2018, foi inscrito no Livro de Registros das Celebrações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN, sendo considerado Patrimônio Cultural Brasileiro (IPHAN, s.d.).

As festas relacionadas aos bumbás ocorrem na cidade desde a década de 1910, “o desdobramento como espetáculo massificado se caracterizou por sucessivas transformações que se intensificaram com a criação do Festival Folclórico” (SILVA, 2009, p. 17) no ano de 1966. Integra a narrativa do festival as manifestações iniciais das brincadeiras que guardavam aspectos de simplicidade, despojamento cênico e participação calcada em núcleos familiares.

No ano de 2012 o Ponto de Cultura Instituto Memorial de Parintins ofereceu uma oficina de desenho e animação digital com o objetivo de criar um artefato audiovisual a partir de entrevistas com moradores locais que vivenciaram os pioneiros formatos da festa. Como registra Erick Felinto (2006, p. 414), “a introdução das tecnologias digitais facilitou imensamente os processos do cinema industrial e massivo,



ao mesmo tempo em que ampliou possibilidades estéticas e abriu novos caminhos aos realizadores independentes”. A iniciativa do Instituto Memorial de Parintins possibilitou a elaboração do curta *Boi Fantasma* (2012), dirigido por Rogério Nunes e José Silveira, com apoio da Fundação Nacional de Artes, FUNARTE.

O curta-metragem utiliza um fio condutor da trama que adiciona elementos imateriais nos espaços da Parintins atual. Foram introduzidos na cidade, por meio de animação digital, espectros do antigo formado da brincadeira de boi. Esses *fantasmas* passeiam pelas ruas, casarios, cais, rio e floresta, revividos a partir de entrevistas realizadas com os moradores locais. O *Boi Fantasma*, lembrança do antigo modo de brincar de boi, circula pela cidade atual criando uma *Parintins Encarnada*, tanto enquanto artefato construído, quanto cidade (parcialmente) vinculada ao boi vermelho. Este artigo apresenta aspectos dos folguedos do boi-bumbá – a partir do curta *Boi Fantasma* e de vivências do autor deste artigo – relacionando-os com a cidade e a memória.

Obras calcadas em relatos são expressões da memória. Para Pierre Nora (1993, p. 9):

a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.

Portanto, a memória é impregnada da sensação de pertencimento em relação aos fatos ocorridos – ou que se tem a percepção de terem ocorridos – mesmo que só tenham sido testemunhados por outrem. Falas, textos, fotografias, músicas, poesias e obras audiovisuais podem servir de suporte para disseminação da memória sobre uma atividade ou local.

A memória pode estar relacionada a experiências individuais ou coletivas. A memória coletiva se refere a redes de inter-relações estruturadas espacial ou temporalmente. Para Maurice Halbwachs há interferência das lembranças coletivas nas lembranças individuais, afinal estamos “(...) tão bem afinados com aqueles que nos cercam, que vibramos em uníssono, e não sabemos mais onde está o ponto de partida das vibrações, em nós ou nos outros” (HALBWACHS, 1990, p. 47). A narrativa oral de memórias individuais e coletivas subsidiou a narrativa audiovisual do curta-metragem, fruto de um rearranjo das informações obtidas nas entrevistas.

Essa narrativa autoral dos criadores do filme acrescenta mais uma camada pessoal ao tema, afinal “as narrativas são mais que representações: são estruturas que preenchem de sentido a experiência e instituem significação à vida humana. Narrando, construímos nosso passado, nosso presente e nosso futuro” (MOTTA, 2013, p. 18). As narrativas derivam de um processo de assimilação, introjeção, rearranjo e replicação do que se entende por realidade.

No meio cinematográfico o comando *luz, câmera, ação* é corriqueiro e é acompanhando essas expressões que o artigo está subdividido. A primeira parte, no entanto, é *AÇÃO*, apresentando o Festival Folclórico de Parintins no formato desse fim da segunda década dos anos 2000. *CÂMERA* aborda *Boi Fantasma*, curta-metragem que registrou a ação da brincadeira de boi de outrora. Na sequência, *LUZ* tece considerações sobre o documentário, a cidade e a memória.

2. Ação

A cidade de Parintins, com pouco mais de 110 mil habitantes (IBGE, 2019), é conhecida pelo modo peculiar com que transformou as manifestações folclóricas relacionados ao boi-bumbá em um grandioso espetáculo. Distante, por via fluvial, 420 km de Manaus (SOUZA, 2013, p. 1), a Ilha de Tupinambarana é cercada pelas águas do Rio Amazonas (Fig. 1). Parintins “(...) transfigura-se

anualmente, quando recebe cerca de 50 mil visitantes, para abrigar uma festa espetacular: o Festival dos Bois-Bumbás” (BRITO *et al*, 2010, p. 18).

A festa ocorre no último fim de semana de junho – próxima à data de comemoração do dia de São João, 24 de junho. O Festival Folclórico de Parintins, criado em 1966, é uma competição entre os bumbás Garantido e Caprichoso que desenvolvem novos temas a cada ano. Com duração de três dias – sexta-feira, sábado e domingo –, e duas horas e meia para cada associação folclórica, toda a noite é apresentado um espetáculo inédito.

Figura 1: Orla de Parintins



Fonte: Eduardo Oliveira Soares (2019)

Tudo no festival é superlativo: a velocidade da narrativa, a montagem das alegorias, as transformações dos elementos cênicos (grupos de dança, cenários), a quantidade de participantes. Durante as apresentações, por boi-bumbá “(...) cerca de 3.500 brincantes, revezam-se na arena do Bumbódromo” (CAVALCANTI, 2018, p. 25).

O Bumbódromo, inaugurado em 1988, com 16,5 mil lugares para o público, é um equipamento concebido especialmente para abrigar o espetáculo. Em formato de arena acolhe na área da plateia espaços para as galeras, que são as torcidas – com acesso gratuito – que participam das apresentações por meio de canto, danças e coreografias. Destaca-se que as galeras “(...) ocupam as arquibancadas laterais que abrigam, cada uma, cerca de 3.750 lugares” (CAVALCANTI, 2018, p. 19). Há também camarotes e assentos para os demais espectadores. Com exceção das três cabines de jurados, não há espaços neutros no festival: a plateia é dividida entre o lado azul – do Boi Caprichoso – e o lado vermelho – do Boi Garantido.

O julgamento é realizado considerando os seguintes itens do espetáculo: Apresentador; Levantador de toadas; Batucada (músicos do Garantido) ou Marujada (músicos do Caprichoso); Amo do Boi; Galera;

Toada (letra e música); Organização do Conjunto Folclórico; Porta-Estandarte; Sinhazinha da Fazenda; Rainha do Folclore; Cunhã-Poranga; Pajé; Boi-Bumbá (evolução); Coreografia; Ritual indígena; Tribos indígenas; Tuxauas; Figura típica regional; Alegoria; Lenda Amazônica; e Vaqueirada. Esses itens foram se consolidando ao longo da existência do festival, que anteriormente já considerou outros elementos e denominações.

O espetáculo mescla, em um fluxo interrompido, vários momentos. Grandes conjuntos de esculturas móveis, que às vezes superam a altura das arquibancadas, e representações da vida cotidiana da região – a figura Típica regional – com objetos e ferramentas em tamanhos reais. Apresentação coreografadas de grandes grupos – as Tribos – e momentos solo de alguns itens do espetáculo, como a Porta-estandarte, a Sinhazinha da Fazenda, a Rainha do Folclore, a Cunhã-Poranga e, principalmente, a personificação do boi. Músicas criadas especificamente para o tema anual – a cada ano são cerca de 20 novas em cada boi-bumbá –, toadas de anos anteriores e, excepcionalmente, canções conhecidas da música brasileira. Efeitos de iluminação, com potentes canhões de luz, fogos frios próximos aos participantes do espetáculo e fogos de artifícios acionados em área ao fundo do Bumbódromo. Eventualmente, os bumbás utilizam guindastes para erguimento de estruturas ou entrada de itens individuais na arena. Mais recentemente foram incorporados elementos aéreos, tais como paraquedistas, drones e balões lançados ao ar. Embora os itens tenham momentos específicos para sua apresentação, também permanecem na arena ao longo da apresentação para brincar de boi.

A complexidade narrativa, musical e cênica flui em um padrão único de excelência técnica e artística. Além do contínuo aprimoramento do formato do festival, há a incorporação de temas e discursos sensíveis à sociedade atual, como os – desde muito presentes – debates sobre o uso e a preservação da Amazônia; a valorização da cultura local; o respeito à diversidade racial, de gênero e de orientação sexual. É um dos espetáculos mais grandiosos do país (Fig. 2).

Figura 2: Apresentação do Boi Garantido



Fonte: Eduardo Oliveira Soares (2015)



Garantido e Caprichoso indicam suas datas de fundação como o ano de 1913, mesmo com controvérsias e questionamentos, que aliás estão na essência dos assuntos que envolvem os bois-bumbás. O fundador do boi Garantido foi Lindolfo Monteverde.

A ideia de fazer um folguedo surgiu das lembranças que tinha do avô, ex-escravo que saiu do Maranhão e aportou em Parintins, provavelmente no período da borracha. No começo, a função era realizar uma folia que matasse a saudade e divertisse os adultos e crianças das vizinhanças. Entretanto, tendo sido ferido ao servir o Exército, Lindolfo fez promessa a São João Batista para recuperar o ânimo e a saúde. Atendido o voto, veio a obrigação de todos os anos honrar o santo com o folguedo. (BRITO *et al*, 2010, p. 18)

Assim surgiu o Garantido, que também se autodenomina *Boi da promessa*. Nos anos de 1970 “(...) os Bumbás iniciaram sua expansão rumo à capital do estado, transformando-se em Associações Cívicas, realizando ensaios e saídas nas ruas de Manaus” (CAVALCANTI, 2018, p. 19). Com isso os bois-bumbás ampliaram a rede de participantes e admiradores e, também, vincularam os seus nomes à cidade de Parintins.

De singela brincadeira nas ruas da vizinhança até a formatação atual das apresentações pode-se destacar dois momentos de inflexão. Um é a criação do Festival Folclórico. Como registra Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, o festival:

(...) foi criado em 1966 por um grupo da Juventude Católica na quadra da futura catedral da padroeira da cidade, Nossa Senhora do Carmo, na antiga Praça do cemitério, situada entre os dois bairros de origem dos Bois. O festival durava dez dias e o foco das apresentações eram então as quadrilhas juninas dos bairros mais periféricos. Os Bois eram atração secundária, apresentando-se apenas para encerrar o festival, em intervalos temporais afastados, de modo a evitar o perigo de seus encontros. Entretanto, sua apresentação livre no primeiro festival logo se tornou disputa, pois a adesão dos moradores conformou duas torcidas, e trouxe os Bois para o centro da cena. (CAVALCANTI, 2018, p. 18)

A consolidação do festival acarretou um novo modo de brincar de boi, transformando-se em um majestoso espetáculo. Em 1988 ocorre o outro marco rumo à grandiosidade das apresentações: a construção do Bumbódromo.

Apesar das mudanças na formatação do espetáculo, parte da narrativa original do chamado Auto do Boi se mantém. O Auto do Boi tem como protagonistas o Boi; o Amo do Boi – dono da Fazenda –; a Mãe Catirina – negra que, grávida, que come a língua do boi; o Pai Francisco – também negro, que corta a língua do boi –; e o Pajé. Conforme narrado na música *Auto do Boi Garantido*, após a morte do boi a história se desenrola de seguinte maneira:

(...) Amo: Diga, Pai Francisco
Por que matou meu boi?
Pai Francisco: Não quis matar
Eu só queria a língua tirar
Pra desejo saciar
E Catirina não me apurrinhar
Dizendo que o nosso filho com cara de boi ia chegar
Amo: Olha, seu cabra, paciência acaba
Tiro vida, sangue e ponta de barba
Caso não dê jeito no mais afamado touro do lugar
Pai Francisco: Não se apoquente, meu patrão
Vou resolver essa questão



Vou chamar o curador poderoso pajé (..)
(AUTO DO BOI GARANTIDO, 2016)

O Pajé, utilizando poderes sobrenaturais, ressuscita o boi que é o preferido do Amo. Por fim, há uma grande celebração com o boi ressuscitado. O Auto do Boi, quando apresentado atualmente no festival, ocupa pequena parte do espetáculo que majoritariamente celebra a cultura local e a necessidade de integração entre a sociedade e a natureza. Sérgio Ivan Gil Braga frisa que a complexidade narrativa do festival é:

(...) fruto de intensa produção textual sobre os personagens tradicionais dos bumbás, inclusive com a criação de novos figurantes. Neste caso, o texto é visto como o conjunto dos elementos teatrais que se põe em cena, resultante de um paciente trabalho de pesquisa, fundamentado nas letras das toadas, na encenação de figuras típicas regionais, lendas amazônicas e rituais.
(...)

Hoje, parte da pesquisa tem sido obtida em fontes eruditas, priorizando certas áreas de conhecimento, como o folclore, a antropologia, a história, a mitologia, etc. (BRAGA, 2002, p. 22)

Comparada com a da atualidade, a narrativa do Auto do Boi apresentada em meados do século XX era “simples, simplíssima” (BOI FANTASMA, 2012). O resgate desse antigo formato utilizado pelos bumbás Caprichoso e Garantido foi o que instigou a elaboração do curta *Boi Fantasma* (2012). Dirigido por Rogério Nunes e José Silveira o curta mescla imagens da cidade, animações e relatos orais sobre as brincadeiras de boi em Parintins de outrora. *Boi Fantasma*, lançado em 2012, foi realizado em formato HD e tem duração de 15'29".

3. Câmera

O registro audiovisual inicia com imagens de um barco navegando no rio Amazonas. Na sequência surgem a bandeira do estado do Amazonas e a cidade de Parintins observada a partir do rio. O som mescla o barulho do motor do barco e os depoimentos de descendentes de Lindolfo Monteverde, fundador do Boi Garantido. Nas imagens, a cidade na sua configuração atual. Nos áudios, relatos sobre os bumbás. Imagens dos entrevistados só aparecerão nos minutos finais do curta-metragem.

Tecendo mais algumas considerações sobre a memória, registra-se que ela pode trazer à luz aspectos não contemplados pela historiografia, porém é suscetível a lapsos e a complementações espontâneas, no caso de algum esquecimento. Pierre Nora registra que por ser “(...) afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções” (NORA, 1993, p. 9).

Portanto, a memória é carregada de impressões, de sentimentos, de nostalgia, de proximidade, como nesse curta-metragem em que alguns depoimentos são de descendentes do lendário fundador do boi Garantido. Uma vez que “a memória é a maneira mais elementar de diferenciar passado de presente, dando lugar para que esse passado seja o elemento determinante e referencial para a construção de nossas personalidades” (MURGUÍA, 2004), ela é pessoal e íntima. A narrativa apresentada no curta-metragem é uma, dentre tantas possíveis.

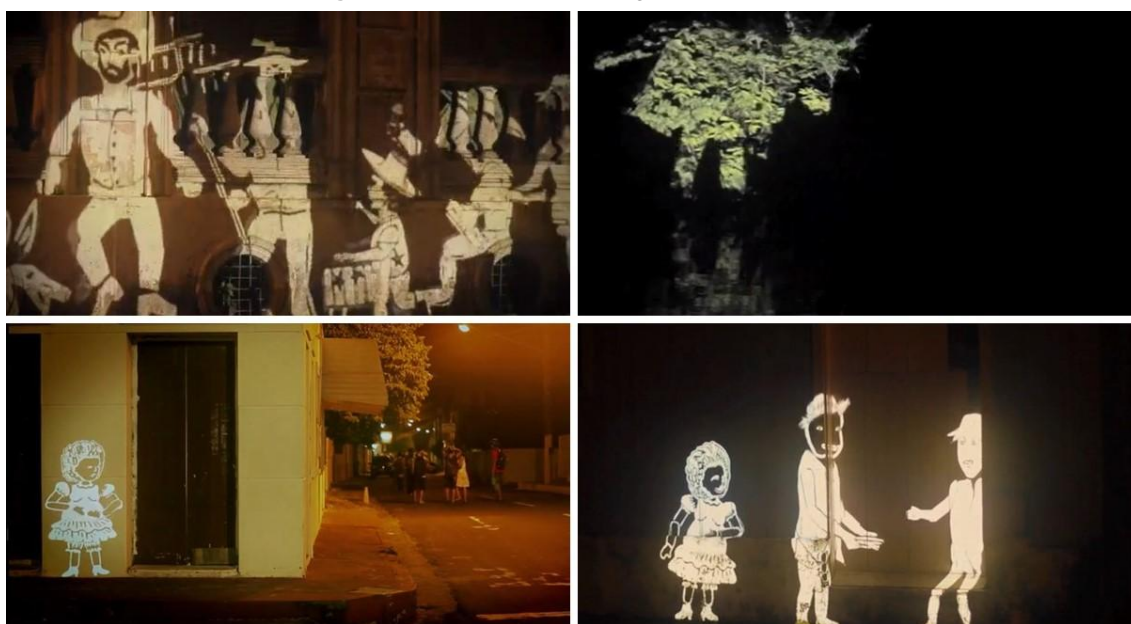
No filme é recordado que antes do boi criado por Monteverde havia o Boi Fita Verde e o Boi Galante. A festa no seu formato inicial – princípio do Século XX – é descrita como sendo uma manifestação de arte que envolvia a representação de um boizinho na cabeça do brincante. O evento familiar conciliava

danças, palmas, latas utilizadas como tambores. Não era usual a participação de mulheres e crianças nas brincadeiras de boi.

Parintins, ainda sem energia elétrica, acolhia essas manifestações ao redor da luz de fogueiras e lamparinas. No curta-metragem as animações surgem concomitantemente ao som das antigas toadas, cantadas entre 1940 e 1970. A esquina de uma iluminada avenida da Parintins atual é suporte para aspectos de outrora.

A cidade é apresentada como uma superfície sensível na qual animações digitais luminosas dos elementos da mítica do boi – a Mãe Catirina, o Pai Francisco, o Dono da Fazenda (Amo do Boi), os Vaqueiros – interagem apresentando o Auto do Boi. Não há a apresentação de grandes marcos arquitetônicos, mas sim a incidência luminosa de imagens nas singelas construções locais e na vegetação da floresta (Fig. 3).

Figura 3: Stills do curta-metragem *Boi Fantasma*



Fonte: BOI FANTASMA (2012)

Na ausência de registros audiovisuais ou fotográficos das antigas festas do boi, essas animações também podem ser interpretadas como memórias impregnadas nos espaços construídos e naturais. Memórias que emanam para o mundo físico apresentado aos observadores do curta-metragem. Como destaca Juhani Pallasma (2018, p. 61):

Vivemos em um mundo de espírito, ideias e intenções humanas, mas também existimos em um mundo de matéria sob as quantidades e qualidades do mundo físico. Temos dois domicílios que constituem uma singularidade existencial: um na historicidade do pensamento e da emoção humanos, o outro no mundo da matéria e dos fenômenos físicos.

A inserção das animações cria um efeito em que a cidade revela aspectos da cultura popular local: a fogueira, o Auto do Boi, os músicos, as músicas, as personagens, as narrativas, as brincadeiras. Uma casa com balaústres e outra com fachada em azulejos apresenta a chegada do Amo do Boi, dos vaqueiros, dos músicos, do pai Francisco, da Mãe Catirina. Na floresta, à margem do rio, surge o Boi bumbando, ou seja, galopeando. Inicia o Auto do Boi.

Os transeuntes da cidade atual circulam alheios a essa narrativa impregnada na paisagem da cidade. Nesses espectros de outrora, Mãe Catirina revela ao Pai Francisco o desejo de comer a língua do boi.

Pai Francisco mata o boi, aliás uma representação do boi. A imagem deixa claro que é um boi de pano e madeira, conduzido por uma pessoa: o chamado tripa do boi. É a representação de uma representação. A língua do boi é cortada, Mãe Catirina a come e ainda há língua suficiente para vendê-la para outras pessoas.

Ao descobrir a morte do seu boi preferido o Amo chama o vaqueiro Fama Real para buscar Pai Francisco *preso, amarrado e arrastado*. Nessa procura os vaqueiros acham Pai Francisco, mas ele não se entrega. O Amo então chama o Caboclo Fama Real, que aceita a empreitada com a condição de ser batizado. O Frei João batiza o Caboclo que, em conjunto com outros caboclos, capturam o Pai Francisco. Nessas buscas são apresentadas várias ruas e edifícios, a orla, o cais, o Mercado Municipal, a igreja (Fig. 4).

Figura 4: *Stills* do curta-metragem *Boi Fantasma*



Fonte: BOI FANTASMA (2012)

Preso, Pai Francisco confessa a autoria da morte do Boi e pergunta se o Amo tem algum doutor que possa trazê-lo de volta. O Amo relaciona o Doutor Curadeiro, o cambaleante Doutor da Cachaça e o Doutor Surdo. Pai Francisco pede a interseção desses doutores e, mediante pagamento, é ensinado a Mãe Catirina o que fazer para ressuscitar o boi. A ação é bem-sucedida, o boi urra, todos sorriem e festejam.

No curta-metragem, após essa apresentação do Auto do Boi, é lembrada a rivalidade entre os bumbás Caprichoso e Garantido, cujos encontros geravam brigas entre os elementos cênicos que representavam os bois. Os confrontos se estendiam aos demais brincantes.

Uma legenda informa que a o Auto do Bumba Meu Boi tem origem nos autos medievais ibéricos e que esses folguedos foram levados para a Amazônia no final do Século XIX. Imagens atuais de apresentações dos dois bumbás, de uma roda de músicos – formada por participantes tanto do Caprichoso como do Garantido – entoando toadas e da equipe produzindo o documentário encerram o curta-metragem.

Boi Fantasma apresenta um modo de brincar de boi. A linguagem do curta-metragem não encenou essas antigas apresentações, outrossim, procurou, como observa Helder Roman de Souza Mourão (2016, p. 79), “(...) um texto alternativo a forma hegemônica de filmar a festa do boi”. Na atualidade, os registros audiovisuais mais frequentes sobre o festival são os capturados durante as apresentações no



Bumbódromo. No curta-metragem, concomitantemente à apresentação do formato da brincadeira de boi, há o resgate de uma narrativa do Auto do Boi. Decerto distinta da apresentada nesse início do Século XX.

Atualmente o espetáculo extrapola às questões relacionadas a essa versão inicial dos bumbás de Parintins. Segundo Maria Laura Cavalcanti:

A comparação entre os modelos antigo e atual revela uma verdadeira reviravolta no imaginário local. O início da valorização do indígena e do regional data aparentemente da década de 1970 e corresponde à percepção muito fina dos organizadores do festival e dos dois grupos de bois das possibilidades latentes, porém inexploradas, da história e da cultura locais. (CAVALCANTI, 2002, p. 129)

Quanto ao resgate dos primórdios do Auto do Boi, a pesquisadora ainda observa que a “a narração da origem não é, entretanto, a narração da brincadeira tal como ela efetivamente surgiu e acontecia no passado. É antes a ativação presente de operações simbólicas que definem a moldura ritual da brincadeira” (CAVALCANTI, 2006, p. 80). Essas narrativas do passado, baseadas em memórias individuais e coletivas, são resgates de vivências em que determinados aspectos são sedimentados e incorporados aos estudos das novas gerações. Outros tantos aspectos são – conscientemente ou não – desconsiderados ou rejeitados.

As narrativas e as memórias sobre a brincadeira de boi-bumbá estão imbricadas com própria cidade. Parintins tornou-se a terra dos bumbás. Para Beatriz Helena Furlanetto (2011, p. 8):

Enquanto no passado o folguedo do boi contribuía para a afirmação da identidade das comunidades ribeirinhas, a partir de uma escala local, atualmente o espetáculo apresenta, em uma escala mais ampla, a cultura do homem amazônico. Na festa do boi-bumbá, independentemente de “ser Caprichoso” ou “ser Garantido”, todos cantam e exaltam as riquezas do território parintinense.

A indissociável conexão entre a cultura local e a superfície tátil da cidade de Parintins, representada pelas animações luminosas, é uma das leituras possíveis do curta *Boi Fantasma*.

4. Luz

Gottfried Semper ao resgatar o processo, na antiguidade, de transição de uma sociedade nômade para uma baseada em um território afirma que o fogo foi o elemento responsável pela fixação a população. Ao redor do fogo ocorriam as conversas familiares, as alianças com outros grupos, os eventos religiosos e de lazer. Da classificação que Semper fez dos quatro elementos da arquitetura – fogo, teto, invólucro e base – o fogo é considerado o mais importante, pois é o fator da coesão social e da permanência em um local (SEMPER, 1989, p. 102).

No caso de Parintins, segundo apresentado em *Boi Fantasma*, era literalmente ao redor do fogo que as famílias se reuniam para brincar de boi. Pode-se imaginar a população se movimentando à luz da fogueira tendo as suas sombras projetadas cidade afora.

Transcendendo o sentido literal do fogo, pode-se entendê-lo como elemento motriz que determina a permanência em um local. Em Parintins a brincadeira de boi-bumbá é um desses elementos. A conexão entre a cidade e esses folguedos é estreita pois eles desde muito fazem parte da cultura local. Andar pela cidade é vislumbrar referências ao festival e aos bumbás presentes até mesmo nas peças publicitárias de grandes empresas que chegam a trocar a cor tradicional de seus logotipos para alcançar o público de ambos bumbás. Encontram-se casas e comunicação visual utilizando as cores azul e vermelha; imagens e esculturas do Caprichoso e do Garantido; o imponente Bumbódromo em



cuja área de concentração/dispersão estacionam os elementos cênicos, alguns gigantescos, no período do espetáculo.

Em *Boi Fantasma* as imagens luminosas que percorrem a cidade parecem reafirmar essa onipresença da brincadeira de boi pela cidade. Presença vital, mas, de tão corriqueira, nem percebida pelos moradores. No curta-metragem não há interação entre as animações as pessoas que circulam por Parintins.

No *site* em que está hospedado o curta há a identificação de que a obra é “uma representação lúdica do antigo Auto do Boi-Bumbá da tradição oral de Parintins, que desapareceu na década de 1960 sem deixar registros visuais” (BOI FANTASMA, 2012). O filme, por estar calcado em uma busca da memória sobre o passado da cidade, pode ser avaliado enquanto um documentário, observando, porém, que se deve afastar “o documentário da condição de um cinema que espelha ou reflete o real, ou uma verdadeira imagem do passado, para tê-lo como um constructo *do e sobre* o mundo vivido” (TOMAIM, 2019, p. 122).

A construção lúdica que o curta-metragem realizou expande experiências que compõem as memórias dos moradores de Parintins e passa a disseminar um imaginário sobre os festejos e a cidade. O imaginário que se tem sobre uma cidade vai influenciar na sua percepção pois, como registra Miranda Martinelli Magnoli (2015, p. 50) “(...) evocar, formar, representar imagens; o que pensamos sobre a cidade e a maneira pela qual a perceberemos informam os modos pelos quais nela agimos e pelos quais ela se apresenta e, portanto, se configura”. Em Parintins, mesmo nos lugares em que não haja referência visível sobre os festejos do bumba-boi, há toda uma vivência, história e memória impregnada na cidade. Há um imaginário que subsidia a percepção da realidade, pois, como afirma Sandra Jatahy Pesavento (1995):

(...) o real é, ao mesmo tempo, concretude e representação. Nessa medida, a sociedade é instituída imaginariamente, uma vez que ela se expressa simbolicamente por um sistema de ideias-imagens que se constituem a representação do real.

Portanto, o imaginário, enquanto representação, revela um sentido ou envolve uma significação para além do aparente. É, pois, epifania, aparição de um mistério, de algo ausente e que se evoca pela imagem e discurso.

O imaginário, subsidiado pelas memórias pessoais e coletivas, realiza a mediação do que vivenciamos e entendemos por realidade. Ao ver o filme *Boi Fantasma* aciona-se um gatilho de percepção: cada superfície da cidade foi tocada e emana as luminosas formas do Auto do Boi, cabe aos observadores encontrar os seus rastros.

Obras como o *Boi Fantasma* resgatam o formato das antigas tradições da cidade e colaboram no entendimento do modo atual de brincar o boi-bumbá. Para perceber a realidade da cidade é preciso conjugar o que se percebe no tempo presente com as reminiscências do passado. Cada ambiente construído ou natural da cidade é impregnado das vivências das pessoas que fazem uso desses espaços. No caso de Parintins há a onipresença dos elementos do boi-bumbá – cores, toadas, cultura popular – durante todo o ano. Essa percepção também está registrada em várias músicas, como *Viva a cultura popular!*, do Boi-bumbá Caprichoso:

Viva a cultura popular!
Viva o boi de Parintins!
Viva o folclore brasileiro!
Caprichoso é raiz
É boi-bumbá o ano inteiro



A nossa festa, nosso ritmo, nossa dança
Nossa toada, tocada e cantada de um jeito caboclo
Apaixonado, brincando de boi (...)
(VIVA A CULTURA POPULAR!, 2012)

Em Parintins percebe-se a relevância das músicas para a identidade local. No documentário, o processo de imbricação de toadas, da narrativa oral, filmagens pela cidade atual e de animação gráfica propiciou uma imersão na antiga Parintins, mesmo sem haver a inclusão de imagens daquela época. Situando o cinema em relação às demais artes, Gilda de Mello e Souza destaca que:

As possibilidades específicas do cinema poderiam ser reduzidas a apenas uma: a *visualização do mundo* – e, portanto, ao *princípio de montagem* que, em inúmeras variantes, é responsável pela dinamização do espaço e espacialização do tempo. Eu gostaria de destacar, entre essas variantes, um recurso desenvolvido pelo cinema falado (...) a *coexpressividade*, isto é, a possibilidade de fundir duas informações, a fornecida pela imagem e a fornecida pelo diálogo (...). (SOUZA, 2005, p. 148)

Em *Boi Fantasma* há essa fusão de informações utilizando elementos demasiadamente simples. A projeção de imagens em superfícies lembra as sombras e as projeções dos primórdios do cinema. Os diálogos lembram os que surgem em rodas de conversas onde há o interesse de cada participante de narrar, ouvir e complementar informações. Prova que o “documentário é tão inventivo quanto o filme de ficção, e vale a máxima que todo filme é histórico, ou seja, sempre dialoga com o tempo presente da sua produção” (TOMAIM, 2019, p. 117). O curta tem essa peculiaridade de fluir como se o espectador estivesse integrando a roda de conversa dos narradores. As animações digitais dão um toque contemporâneo às reminiscências do passado.

A elaboração de obras por meio de tecnologia digital oferece a possibilidade de, em casos como deste documentário, realizar inserções que de tão sutis parecem projeções realizadas presencialmente nos locais. Erick Felinto argumenta que:

Talvez as possibilidades mais instigantes da imagem digital estejam, porém, em um questionamento das próprias categorias de natural e artificial. Desse modo, mais uma vez, afirma-se a onipotente presença da categoria do hibridismo. Realismo e ficcionalização deixam de fazer sentido em uma cultura que corteja as formas impuras e as mesclas. Tomá-las como referenciais seguros é incorrer num binarismo excludente que não faz justiça à complexidade do real ou do imaginário. (FELINTO, 2006, p. 422)

O filme não pretende – nem poderia – ser um registro fidedigno do passado. Seus autores selecionaram um tema e um modo de apresentá-lo. A obra é uma interpretação autoral de vestígios e relatos de outrora, baseada em uma oficina que se dispôs a trabalhar com questões que envolvessem a memória, a cidade de Parintins, o desenho e a tecnologia de animação digital. É um produto coletivo de um processo de imersão na memória local.

As cidades são percebidas e narradas de diversas maneiras. Munido de um repertório único cada morador ou visitante se atenta a determinados aspectos. Ao narrar o que vivenciou – por conversas, textos, músicas, fotografias, filmes – colabora na criação de uma memória coletiva sobre o local.

A memória coletiva das tradições – como as relacionadas ao Auto do Boi – é uma chama que precisa permanentemente ser alimentada. Às vezes arde intensamente, às vezes parece que vai se apagar. Iniciativas como a deste curta-metragem colaboram em difundir aspectos sobre essas tradições da cidade.



A cidade que arde enquanto detentora de atrativos para a sociedade, simbolizada pelo fogo (SEMPER, 1989, p. 102), é indissociável dos aspectos físicos da sua arquitetura, paisagismo, urbanismo e sítio urbano. E a cidade atual, e o modo de brincar de boi atual, podem ser mais bem assimilados quando confrontados com aspectos do passado.

O formato de apresentação dos bumbás em um festival folclórico foi neutralizando os aspectos belicosos dos participantes. Os confrontos, que anteriormente chegavam a brigas físicas, agora se limitam a provocações nas rimas do Amo do Boi e nas letras das toadas. Se antes havia restrições de participação de mulheres e crianças, na atualidade há um discurso de inclusão e diversidade.

Parintins atual, cidade cujo festival dissemina anseios de uma conexão tanto com a natureza e a ancestralidade, quanto com a sustentabilidade e a diversidade. *Parintins Fantasma*, cidade em que se pode flunar na companhia de seres luminosos advindos dos folguedos da cultura popular.

Cada superfície – fachadas, muros, cais, floresta – recebe e exhibe imagens do passado que acompanham os moradores da Parintins atual. Uma cidade em que fantasmas de outrora rondam e brincam de boi com moradores e visitantes atuais. Tanto encarnados, quanto celestes.

5. Considerações finais

Ao resgatar, reavaliar e reinterpretar aspetos que sedimentaram a cultura da sociedade atual, pode-se melhor compreendê-la. Afinal espectros do passado permanentemente rondam o presente e despertam o interesse na atualização de narrativas elaboradas tempos atrás. Por meio de novas formas de construção ou de novas tecnologias, as maneiras de narrar se reelaboram de acordo com o tempo em que são produzidas. A roda de conversa, ao redor da fogueira, sobre as brincadeiras de boi em Parintins, na atualidade pode ocorrer ao redor de uma tela de cinema.

No caleidoscópio de informações apresentadas em *Boi Fantasma* percebe-se a potencialidade do cinema em registrar e reinventar a cidade por meio de imagem, som e movimento. Os depoimentos sobre o boi-bumbá, as paisagens da cidade, as músicas e as danças apresentadas no curta-metragem formam um conjunto que expressa parte da cultura local que propiciou o reconhecimento do Complexo Cultural do Boi-Bumbá do Médio Amazonas e Parintins como Patrimônio Cultural Brasileiro. As brincadeiras de boi-bumbá em Parintins, que originaram o Festival Folclórico, já inspiraram narrativas em diferentes formatos que fomentam a memória coletiva sobre esses folguedos.

O Festival Folclórico de Parintins disseminou um formato de monumentalidade cênica e narrativas calcadas na exaltação dos povos indígenas e da cultura popular que se expande para outras cidades. São exemplos o Festival dos Botos – incorporado à Festa do Sairé –, em Santarém, Pará; e o Festival Folclórico de Itacoatiara, Amazonas, criados na década de 1970. No Pará, o Festival das Tribos Indígenas de Juruti, foi criado na década de 1990.

Já datando do início deste século há o Festival Folclórico do Mocambo do Ariri, distrito de Parintins; o Festival da Cobra Grande na ilha de Outeiro, distrito de Belém, Pará; e o Festival Folclórico do Distrito de Nova Maracanã, em Faro, também no Pará.

Esses são apenas alguns exemplos de festivais folclóricos que já constituem a cultura local e, por certo, integram a memória individual e coletiva dos habitantes e visitantes das cidades em que são realizados. Espera-se a criação de uma maior quantidade de narrativas – pesquisas, fotografias, documentários, filmes – sobre essas expressões da cultura.

Quanto às brincadeiras de boi-bumbá em Parintins, alguns eventos trazem ecos do despojamento de outrora. Dentre a extensa agenda de atividades relacionadas ao festival, anualmente o boi azul



promove o *Boi de Rua* e o boi vermelho realiza a *Alvorada do Boi Garantido*. Esses eventos levam milhares de pessoas a ocupar a cidade de uma maneira *simples, simplíssima*.

6. Referências

- AUTO DO BOI GARANTIDO. Compositores: Enéas Dias, João Kennedy, Marcos Boi e Mário Andrade. In *Celebração, Boi-bumbá Garantido*, 2016. Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/696D1Wc9j3W0msISQVWmYk>>. Acesso em 25 de agosto de 2019.
- BOI FANTASMA. Direção: Rogério Nunes, Jose Silveira (15'29"). Brasil: Fundação Nacional de Artes, FUNARTE, 2012. Disponível em: <<https://vimeo.com/103547823>>. Acesso em: 25 de agosto de 2019.
- BRAGA, Sérgio Ivan Gil. *O boi é bom para pensar: estrutura e história nos bois-bumbás de Parintins*. Somanlu, UFAM, v. 1, 2002.
- BRITO, Lydia Maria Pinto; RIBEIRO, Edinelza Macedo; SOUZA, Tereza de. *Bois-bumbás de Parintins - síntese metafórica da realidade?* Revista de Administração Pública (Impresso), v. 44, pp. 7-30, 2010.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *O Indianismo Revisitado pelo Boi-Bumbá. Notas de pesquisa*. Somanlu Revista de Estudos Amazônicos, Manaus, v. 2, pp. 127-135, 2002.
- _____. *Rivalidade e afeição no bumbá de Parintins, Amazonas*. MANA, v. 24, pp. 9-38, 2018.
- _____. *Tempo e narrativa nos folgedos do boi*. Revista Pós Ciências Sociais – São Luiz, v. 3, n. 6, jul-dez. 2006.
- FELINTO, Erick. *Cinema e Tecnologias Digitais*. In: Fernando Mascarello (Org.). *História do Cinema Mundial*. Campinas: Papirus, 2006, pp. 413-428.
- FURLANETTO, Beatriz Helena. *Território e Identidade no Boi-bumbá de Parintins*. Heredia, Costa Rica, Revista Geográfica de América Central, vol. 2, jul-dez, pp. 1-15, 2011.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- IBGE. *Panorama Parintins*. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/parintins/panorama>>. Acesso em 25 de agosto de 2019.
- IPHAN. *Complexo Cultural do Boi-Bumbá do Médio Amazonas e Parintins*. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1939>>. Acesso em 25 de agosto de 2019.
- LAMENTO DA RAÇA. Compositor: Emerson Maia. In *Lendas, Rituais e Sonhos. Boi-Bumbá Garantido*, 1996. Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/1s6mS3gvyujuKX4k9ruhlo>>. Acesso em 25 de agosto de 2019.
- MAGNOLI, Miranda Martinelli. *Paisagens urbanas - imaginário na fase atual da globalização*. Paisagem e ambiente: ensaios, pp. 13-59, 2015.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise crítica da narrativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.
- MOURÃO, Helder Roman de Souza. *Parintins: história e cultura cinematográfica*. Manaus: Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), Universidade Federal do Amazonas, 2016.
- MURGUIA, Eduardo Ismael. *Historiografia e memória no filme "Nós que aqui estamos por vós esperamos"*. Revista Estudos de História, São Paulo, v. 11, n.2, pp. 85-102, 2004.
- NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História PUC/SP, n. 10, dez, pp. 7-28, 1993.
- PALLASMAA, Juhani. *Essências*. São Paulo: Gustavo Gili, 2018.
- PESAVENTO, Sandra Jatthy. *Em busca de uma outra História: imaginando o imaginário*. Revista Brasileira de História, pp. 9-27, 1995.
- SEMPER, Gottfried. *The four elements of Architecture. A contribution to the comparative study of Architecture*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.



- SILVA, Marinalvo Bentes da. *A espetacularização da festa dos boi-bumbá de Parintins: novos modos de produção artística*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Escola de Belas Artes), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- SOUZA, Gilda de Mello e. *A ideia e o figurado*. São Paulo: Duas cidades. 2005.
- SOUZA, Nilciana Dinely de. *O processo de urbanização da cidade de Parintins (AM): evolução e transformação*. Tese (Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- TOMAIM, Cássio dos Santos. *Documentário, história e memória: entre os lugares e as mídias “de memória”*. Significação: Revista de Cultura Audiovisual, v. 46, n. 51, jan-jun, pp. 114-134, 2019.
- UNESCO. *Complexo de Conservação da Amazônia Central*. Disponível em <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/cultura/world-heritage/list-of-world-heritage-in-brazil/central-amazon-conservation-complex/#c1467463>>. Acesso em 25 de agosto de 2019.
- VIVA A CULTURA POPULAR! Compositores: Adriano Aguiar, Geovane Bastos e Guto Kawakami. *In Viva a Cultura Popular!, Boi-bumbá Caprichoso*, 2012. Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/6ffKUo3kuO3nuSAzENxTMR>>. Acesso em 25 de agosto de 2019.